

SOBRE MASCARAS E COROAS: NOTAS SOBRE A VARIABILIDADE DA EXPERIÊNCIA CORPORAL NO CIRCUITO FESTIVO DE JUSNTINÓPOLIS

Juliana Aparecida Garcia Correa

RESUMO

Esta proposta é fruto do processo de pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Antropologia que tem como inspiração empírica o ciclo festivo anual de uma comunidade tradicional do congado mineiro. Busca-se, a partir da matriz teórica da antropologia social, sobretudo nos estudos de festa e performance, desvendar os usos do corpo nos diferentes momentos rituais deste circuito de festas. Neste artigo priorizo as diferentes associações a partir da figuras do rei. Os resultados indicam que o modo singular de associação (inversão) é epifanizado na festa pelo viés corporal, resultando na variabilidade e na alternância da experiência coletiva do grupo.

Palavras-chaves: Corpo. Festa. Performance.

ABSTRACT

This proposal is the result of the research process in developing the master's degree in Social Anthropology which has as empirical inspiration the annual festive cycle of a traditional community of Congo in Minas Gerais. It aims to find out the uses of the body in different ritual moments of the festival circuit from the theoretical matrix of the social anthropology, especially in studies of fests and performances. This article emphasizes the different symbolical associations from the roles of the king. The results indicate that the exclusive way of the association (inversion) is like an epiphany at the fest through the body bias, results in the variability and change of the collective experience which do group.

Key word: Party. Body. Performance.

RESUMEN

Esta propuesta es resultado del proceso de investigación en desarrollo en la maestría en Antropología Social que tiene como inspiración empírica el ciclo festivo anual de una comunidad tradicional del "congado mineiro". Se busca, la matriz teórica de la antropología social, sobretudo en los estudios de fiesta y performance, desvendar los usos del cuerpo en los diferentes momentos rituales de este circuito de fiestas. En este artículo enfatizo las distintas asociaciones simbólicas a partir de la figura del rey. Los resultados indican que el modo singular de asociación (inversión) en el ritual es epifanizada en la fiesta a través del cuerpo, resulta en la variabilidad y alternancia de la experiencia colectiva del grupo.

Palabra clave: Fiesta. Cuerpo. Performance.

Na festa “o homem muda a si mesmo porque ele se inventa”. Jean Duvignaud, 1997.

NOTA INTRODUTÓRIA

Na graduação, durante a disciplina “ folclore e educação física”, lancei os primeiros passos ao encontro com a Antropologia. Com conhecimento teórico precário, alguns esboços de etnografia foram traçados na Festa Nacional do Folclore da cidade de Jequitibá em Minas Gerais, com objetivo de estudar o elemento corporalidade presente nas diferentes danças brasileiras. Desta primeira experiência, [dois dias de Festa], não foi difícil perceber que, não era suficiente estudar tais danças deslocadas do contexto de sua efetivação: a festa. Inaugurei, neste momento [ainda sem me dar conta], um caminho investigativo pessoal e profissional, no qual a festa foi tornando-se gradativamente centralidade do estudo.

Com a incursão no mestrado em antropologia social, venho realizando um estudo sistemático da festa e suas ramificações. Falar de festa é falar de algo sério, é falar de uma modo de experiência humana, que nos conduz ao que é do ser e do estar humano. A festa duplamente natureza/cultura, nos conduz ao real socializado a que se refere Grisoni. Abre-nos para o campo da experimentação humana, o campo do possível, o campo do imaginário, a instância do desejo.

Tratada desde as formas primitivas de classificação humana, a festa foi tomada como ilustração principal na construção do núcleo duro da teoria antropológica, contribuições essenciais para a estrutura desta pesquisa que agora pontuo rapidamente.

Em “Ensaio sobre o Dom”, texto canônico de Marcel Mauss, a festa ilustra a teoria da reciprocidade, pois segundo o autor o lugar privilegiado para a realização da dádiva é na Festa¹. O autor ainda acrescenta uma discussão sobre temporalidade, simulando a eternidade, a festa recorda e revive um tempo original, do caos das origens, tempo imemorial, tempo do mito. O caos da festa é o caos da origem, tem uma função regeneradora da ordem.

Em outro texto canônico, “Formas Elementares da vida Religiosa”, de Emile Durkeim., a festa assume o lugar de realização do extra-ordinário, do sagrado, do não cotidiano. Sendo a festa um agrupamento único em estado de exaltação coletiva, um grupo reunido em torno de uma coisa ou alguém que gera efervescência coletiva (paixão comum).

Ainda na esteira da antropologia da religião, em “O Homem e o Sagrado”, o autor Roger Callois é o primeiro a esboçar uma teoria da festa. A partir do diálogo com Durkeim e Mauss, ele constrói a idéia da alternância de ritmos relacionando a transgressão da ordem. O tempo do profano, é desgastante, exaure as forças da coletividade, é, no sagrado que a sociedade se revitaliza. O sagrado é a transgressão. A ordem é rompida pelo excesso, pelo dispêndio. Daí a dimensão cíclica da Festa.

A partir desta contribuição teórica, nos interessa em particular esta característica efêmera da festa que por sua vez, produz a repetição. Este estudo toma como inspiração empírica os festejos de uma comunidade tradicional mineira. Trata-se de um ciclo anual festivo de festas que se repetem anualmente. O eterno retorno da festa a que estamos sujeitos traz uma quebra no encadeamento dos determinismos

¹ Mauss estabelece o *Potlach* como uma forma evoluída e relativamente da festa. *Potlach* significa “nutrir”, “consumir”. In: *Ensaio sobre a dádiva*.p.191-208.

sociais. Sendo anti-social, diz respeito a um universo desculturalizado, sem norma. Constitui um mecanismo de subversão, ligada não a transgressão de uma ordem, mas, ao desejo de revolução, de dissolução de certa sociabilidade.

O mecanismo de subversão a que nos remete o ato festivo produz pelo excesso a transgressão de regras e a experiência corporal se faz presente de modo totalizante, pois é no corpo a nossa sede dos desejos mais íntimos. Nas festas profanas, o corpo extrapola o interdito, bebe-se até cair, come-se até morrer, dança-se até a exaustão, libera-se riso ou o choro. Canta-se, grita-se. Permite-se entrar em contato corporal mais íntimo com outro. Nas festas religiosas, o corpo vive o tabu, bebe-se ou come-se o que é sagrado, os gestos ou as posturas produzem danças de adoração, de união, de contato com um outro plano, treina-se também o silêncio, um corpo meditativo. De um modo ou de outro, as formas não se fixam somente pela dicotomia sagrado/profano, mas de algum modo temos uma manifestação festiva que se dá intimamente na experiência com o corpo.

Corporalidade é compreendida aqui sob o ponto de vista daquilo que se faz no corpo. Parece redundante a utilização do termo, pois se tomarmos a definição de Meleau-ponty o ser é um ser corporal., deste modo para além do que é a definição do termo, importa a sua implicação. O autor nos convida a pensar que o corpo é a dimensão central da existência (1994). Ao tomar o ciclo como perspectiva e o corpo como categoria analítica, não pretendo alçar uma análise comparativa dos usos do corpo nas festas, mas sim ressaltar o princípio operante no circuito de rituais. Como as manifestações festivas ensejam diferentes experiências corporais? Ou dito de outro modo, como a festa é vivida pelo corpo?

JUSTINÓPOLIS E SUAS FESTAS

Município contíguo a capital mineira é no distrito de Justinópolis que situa uma comunidade pertencente à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Há 114 anos, fundada pelo Senhor Manuel Messias do Nascimento, morador das proximidades do distrito, vive a tradição de realizar as festas de Reinado e Reisado² já passadas por seis gerações. Admiravelmente epifanizada pelos festejos aos seus santos de devoção, seus membros se movimentam com um único fim: o de festejar. Mais do que um fenômeno de lazer, a festa aqui é uma obrigação social, sendo movida pela fé, é também índice marcador de temporalidade destas pessoas.

Trata-se de festas que expressam uma forma privilegiada de vida coletiva deste grupo. Festa a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito, a São Sebastião, Caravana de Santos Reis e Folia de São Sebastião. Festas tradicionais do estado de Minas Gerais. Trata-se, portanto, de um ciclo-circuito festivo que corresponde a um calendário anual.

² Reinado é o nome aqui dado as festas do ciclo do rosário, e, reisado às festas do ciclo de reis.

Ciclo-circuito das festas de Justinópolis					
Ciclo do Rosário (Reinado)			Ciclo de Reis (Reisado)		
São Sebastião	São Benedito	Nossa Senhora do Rosário	Santos Reis	São Sebastião	Nossa Senhora da Luz

Figura 1: Quadro representativo do ciclo-circuito e suas respectivas festas. Fonte: dados da pesquisa.

As festas de Justinópolis são semelhantes às festas já catalogadas como tradicionais no circuito mineiro. Segundo Saul Martins, elas consistem em um calendário anual que pode ser descrito por quatro ciclos festivos (1991).

O Ciclo Marial começa depois da quaresma em fins de março, e termina em maio. Neste mês, também, há ocorrência das festas ao santo negro São Benedito, realizadas pelas Irmandades do Rosário e associadas ao dia treze de maio dia da libertação do trabalho escravo no Brasil. O próximo, Ciclo Junino, corresponde à formação das quadrilhas e as festas aos santos: Santo Antônio, São João e São Pedro que começam em fins de maio e início de junho seguindo até fim de julho. Os ciclos seguintes, Ciclo do Rosário e Ciclo de Reis correspondem aos períodos, de agosto a novembro e de dezembro a fevereiro. Em Justinópolis, há uma preeminência destes dois ciclos.

O Ciclo do Rosário em Minas Gerais começa em meados de agosto com os cortejos aos santos padroeiros: Santa Efigênia, São Benedito e a grande padroeira Nossa Senhora do Rosário que é comemorada no dia 07 de outubro. Também chamado Reinado ou Congada, é a comemoração de maior ocorrência no estado (MARTINS, 1991).

O mesmo autor estabelece um sistema classificatório no qual o congado é uma família que possui sete ternos ou guardas como irmãs: candombe, moçambique, congo, marujo, vilão de facas, catopés e caboclinhos (1988). De outro modo, Seu Dirceu, assim como outros congadeiros consideram as cinco últimas como variações do congo, e, discordando de Martins, ele afirma categoricamente: o que existe são os três: o candombe, (pai de todos), o moçambique e o congo, o moçambique é o mesmo para todos congadeiros, já os congos se diferenciam uns dos outros, de acordo com a região e com a tradição de cada irmandade (janeiro de 2008).

Estas festas remontam as festas de coroação de reis negros, sobre isto, Marina Mello e Souza realiza uma fundamental capitulação histórica das festas de coroação dos reis negros que já eram freqüentes na África (portuguesa) e em Portugal. A congada é dessa forma um modo de catolicismo africano e assumem características peculiares durante a colonização ao serem reconhecidas pela cultura das republicas de Congo e Angola (2002). Tais manifestações católicas negras chegam ao Brasil, com instauração das irmandades e em Minas Gerais, via África na época da mineração (século XVII). O registro mais antigo das irmandades em Minas Gerais foi realizado por André João Antonil por volta dos anos de 1705 a 1706. Entretanto, sabe-se que 1552 em Pernambuco já existiam confrarias do Rosário (MARTINS, 1991).

O Ciclo do Rosário em Justinópolis, chamado por eles de Reinado, abre-se com a coroação dos reis congos em janeiro e encerra com a respectiva descoroação em

novembro, ambos na batida do candombe. De outro modo, o início do Ciclo de Reis, chamado de Reisado, incia com a montagem da lapinha (construção do presépio) no dia oito de dezembro, terminando em dois de fevereiro após a sua desmontagem.

A primeira festa do Reinado é realizada no domingo próximo ao dia 21 de janeiro. Neste dia, São Sebastião, santo padroeiro de toda a comunidade recebe tanto foliões quanto congadeiros para sua festa. Ela é peculiar, pois pertence aos dois ciclos. Sendo “duas festas em uma”, as pessoas vivem duas encenações com transmutação de papéis. No dia de São Sebastião, o terreiro conta com as guardas de congo e moçambique e a caravana a santos reis da irmandade, ainda recebe a visita de outras folias e cavalgadas que reúnem para devoção ao santo.

A segunda festa é a de São Benedito, acontece no segundo domingo de maio. Neste dia comemora-se o dia da libertação dos negros (13 de maio) que é exaltado pelos membros da irmandade numa bela intervenção cênica na praça da igreja matriz da cidade. Entretanto a importância desta festa neste ciclo-cicuito se dá porque a ela corresponde a coroação dos reis festeiros pelos reis congos, responsáveis pelo acúmulo das economias necessárias para a realização da festa de outubro.

Encerrando o Ciclo do Reinado, a festa do segundo domingo de outubro é oferecida pelos reis festeiros aos reis congos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, a mãe dos congadeiros. É a festa mais importante, tem três dias de duração e recebe o maior número de visitantes, inclusive guardas vindas de diferentes regiões do estado. No fim desta festa, os reis festeiros após cumprirem seu compromisso devolvem suas coroas aos reis congos.

O ciclo de reis corresponde aos festejos natalinos. Natal, do latim natális, vem comemorar aquele que nasce, que é inserido no mundo. O ciclo natalino é cristão e substitui o ciclo da luz pagão que significava o regresso da Luz. Era, pois, uma celebração ao Deus Mitra, divindade persa que revelava o retorno do Sol no auge do inverno no Hemisfério Norte, (Solstício de Inverno) e que regulavam as atividades agrícolas no período sombrio do ano. Assim, o ciclo começava em novembro, quando as colheitas terminavam e se estendia até fevereiro, início da primavera. Este culto era muito difundido em todo o império romano no último século antes da vinda de Cristo. A festa de natal fixada pela igreja em Roma no séc IV manteve a data que era comemorada o culto ao nascimento do deus, dia 25 de dezembro (KRON, 2005).

As folias de reis se tornaram uma das manifestações típicas das comemorações de natal instituídas na Europa com a formação das peregrinações franciscanas do século XII. Esta manifestação tem como eixo à devoção aos reis magos, nasceu e cresceu na Europa, chegando ao Brasil com forte influência da tradição africana. Segundo Roger Bastide, esta influência é de proveniência ibérica, resultante de uma apropriação do sagrado pelo negro. O autor argumenta que o rei negro (Belchior) se tornou o representante étnico dos reis na visita do filho de Deus, tendo em vista o forte destaque que fora dado ao canto deste nos rituais. (Bastide por Gomes e Pereira, 1994). Um dos registros mais antigos referentes à folia de Reis no Brasil foi feito pelo Padre Fernão Cardim, em 1584, de acordo com Luiz da Câmara Cascudo (1988).

Em Minas Gerais a folia de reis recebe o nome de reisado e é marcado fundamentalmente pelo canto das pastorinhas, e pelas caravanas aos santos reis. De acordo com Martins, há quatro modalidades de folias ou de festas de reisados neste estado, com personagens que variam de lugar para lugar: Reis de Caixa, Reis de Pastorinhas, Reis de Boi e Reis de Mulinha-de-ouro. Na maioria encontramos os três reis magos, mas algumas têm os marungos, bastião ou espias, personagens que

representam o Herodes. No ciclo natalino há também folias que saem a outros santos, como a folia a São Sebastião (1991).

Ao Reisado de Justinópolis, corresponde um ciclo de duração menor quando comparado ao Reinado. Entretanto se comparado às outras festas de reisado encontradas pelo estado, ele se torna maior, pois não termina no dia de reis como o de costume das folias mineiras, se estendendo até dia de Nossa Senhora da Luz.

As festas de reisado não são realizadas no terreiro, mas, nas diferentes casas que desejam receber a folia. Durante todo o ciclo festivo, a caravana percorre diferentes casas por noite visitando as lapinhas, cantando versos e recolhendo doações.

Cada vez que a folia bate numa casa, ela nos conta a história da peregrinação do reis magos, uma narrativa que tem no texto bíblico sua escritura principal, mas que recebe algumas pinceladas de outros eventos míticos, o que acrescenta uma “coloração” diferenciada ao modelo inicial. A narrativa inteira é dividida em três momentos, chamados aqui de etapas. Cada uma das etapas corresponde a um trecho da caminhada dos reis e culmina numa festa, chamada de festa de arremate da folia.

A primeira fase recebe as batidas de caixa no ritmo de Rei Novo, e narra o Ciclo da Boa Nova ou Nascimento, começa na virada do dia 24 para dia 25 de dezembro, estendendo-se até o dia 06 de Janeiro, quando se comemora a festa de Reis. Os foliões ao fazerem seus giros, narram passagens na qual Baltazar, Belchior e Gaspar saem de suas terras: Persa, Árábia e Sábria, se encontram na praia do Rio Roxo e seguem caminho juntos, orientados pela estrela guia até o local do nascimento de Cristo. Esta etapa da folia é arrematada na festa de Santos Reis.

Segundo Seu Dirceu, o dia 06 de janeiro, não é o dia de desmonte da lapinha tampouco o dia quem marca o fim dos festejos natalinos, segundo ele, “a história ensina o contrário, pois após o dia da chegada dos magos, a coroação e a entrega dos presentes é que o povoado começou a festa” (janeiro de 2008). Sendo assim, a festa tem continuidade e vai para a segunda etapa que começa neste dia de chegada dos santos reis a lapinha, narra o oferecimento dos presentes e suas respectivas coroações pela Virgem Maria, seguindo até o dia 21 de janeiro, culminando na festa de São Sebastião.

A terceira etapa da folia recebe os ritmos de nome Rei Velho e narra o retorno dos reis magos para suas terras, após a apresentação do menino Jesus ao templo. A festa de encerramento do ciclo é chamada de festa de epifania e se dá no dia 02 de fevereiro, em homenagem a Nossa Senhora da Luz.

SOBRE A VARIABILIDADE DA EXPERIÊNCIA CORPORAL NO CICLO DAS FESTAS

Expomos então duas modalidades de festas mineiras. Festas do ciclo de reis e festas do ciclo do rosário. Para tratar da experiência corporal é fundamental compreender o contexto de formação histórica destas festas, pois é no barroco que encontramos a chave de interpretação da experiência festiva. O atavismo barroco preparou o suporte espiritual, imprimindo a vida da sociedade mineradora os seus padrões-ético-religiosos e impondo às manifestações criativas os seus valores e gostos estéticos, como acrescenta Afonso Ávila, o Barroco não só representa o complexo religioso associado à arte colonial, mas é, sobretudo uma escolha do modo de viver(1982). Como Bem nota PEREZ, é importante lembrar do *double bind* operado pela festa colonial: se, de um lado, estava a serviço do poder (tanto do Estado quanto da Igreja), visando o enquadramento hierárquico dos diferentes grupos sociais que aqui viviam, e nesse sentido, atuando como um espetáculo do poder, seu caráter barroco, por

outro, possibilitava também o soldamento societal dos diferentes estratos da hierarquia. (2008).

O instável mundo colonial adquiriu com a festa barroca uma ordenação formal, constituída e construída sob a forma de armações efêmeras e espetaculares: os divertimentos públicos, a cidade enfeitada de luzes multicoloridas, espocando fogos de artifício, a população na rua. A festa barroca trouxe à cena coletiva o exercício da etiqueta, a exibição da pompa, a competição, gestando modelos societários de estilo de vida ou, dizendo de modo mais preciso de atitude, de estética-ética de natureza dionisíaco-barroca.

Em Justinópolis a expressão barroquizante é presente, a teatralização é modo fundamental para o ato festivo. No reinado temos uma performance que nos conduz ao pólo da magia, da adoração solene aos reis. No reisado temos uma performance que teatraliza o pólo da jocosidade, do riso, o pólo agonístico da festa. Os reis ora mascarados ora coroados. As procissões na modalidade de caravanas ou cortejos, o cumprimento de promessas de forma profana ou sagrada, os cantos sagrados ou os versos cômicos, as danças solenes ou profanas e a fartura das diferentes comidas. Esses elementos compõem os momentos rituais de cada festa que, por sua vez, dão forma a estrutura (reisado ou reinado) da festa. Cada elemento imprime um modo de experiência corporal diferenciado no ciclo.

Este mecanismo de alternância produz uma inversão simbólica corporal que pode ser pensado, em boa medida pelas contribuições trazidas nos trabalhos de estudos de performance e ritual desenvolvidos por Van Gennep. A idéia de mudança, de acordo com o autor, é aplicável a todos os ritos sendo que a ocorrência do rito é destinada a se repetir todas as vezes que incide circunstâncias que o produzem. (1960).

Neste sentido, há um mecanismo de inversão simbólica que pode ser observado pela a formação da realeza, figurada pela presença dos reis magos no ciclo natalino e pelo reis (congos, perpétuos, festeiros e reis do dia) no ciclo do rosário, é um mecanismo fundamental para pensar a rotatividade da experiência corporal.

Como o próprio nome já diz, trata-se de festas de reinados e reisados. Sendo Magos ou Congos, falar de Reis é também falar de um poder mágico que está associado ao poder político. A associação entre magia e realeza, dois poderes mutuamente implicados e imbricados, foi genialmente pensada pelo celebre ancestral Sir James Frazer(1982). Elo de ligação num mesmo ciclo e entre ciclos, a figura do rei, sempre presente, é retomada de forma diferenciada nos ciclos, sendo elemento que possibilita o estabelecimento do sistema de reciprocidade. Tendo como princípio articulador a figura do rei, identifiquei neste circuito uma série vasta de trocas, objetos e pessoas que circulam.

As festas de reinado apresentam uma seqüência de rituais que envolvem cerimônias aos reis, o almoço é solene alimenta um corpo cansado e castigado pelo dia. A dança indica uma humildade e uma sujeição divina, as músicas cantadas como mantras são acompanhadas dos toques uníssonos aos tambores e nos contam dos tempos sofridos da escravidão negra. O corpo é um corpo pesado, cansado, sacrificado pelas longas caminhadas.

A estrutura ritual do reisado é diferente do reinado, claro, entretanto os elementos continuam presentes se submetendo à mesma lei do ciclo. Fardas, tambores, bastões e coroas são guardados, um ciclo termina. Abre-se um outro ciclo, o ciclo do reisado, dando lugar a outra coroa a outros bastões. Entram em cena as máscaras e os Reis Magos, no lugar das guardas, a caravana a Santos Reis. Os toques aos tambores são substituídos por modas de violas e acordeon que vão acompanhando os versos tirados

pelos mestres durante a festa. Os momentos rituais assumem outros significados se dispõe de outro modo, conformando outras formas de viver a experiência corporal e formando outra estrutura ritual.

Na relação entre o campo da ação e campo discursivo, há uma união que, instaurada na festa, adere o mito ao rito, o passado ao presente. Ao narrar histórias, passagens, momento de encontro, falam de sentimentos de vida, de dor, de luta, de alegria, de dádiva. Parece que o elemento fundamental é a celebração da vida coletiva, a exaltação dos sentimentos a que se refere Durkeim(1982). A festa de reis celebra o encontro dos três homens de lugares distintos com o menino Jesus, oferecendo-lhe os presentes e avisando-lhe do perigo de ser morto pelo rei Herodes, recebem em troca de Maria, a coroação. Do mesmo modo Nossa Senhora do Rosário foi retirada da água pelos negros ao ser encantada pelo som do candombe. Em troca, ela deu-lhes os objetos sagrados e sua eterna proteção.

De acordo com o mito do reinado narrado por Seu Dirceu, capitão da irmandade todos os objetos, o rosário, o bastão, a coroa foram dotados de poder sagrado ao ser oferecido pela santa. Foi o som dele que retirou a moça das águas. O bastão que carrega o capitão, as contas do rosário que são colocadas sobre os ombros nas guardas de congo e moçambique, as gungas que são trazidas nas pernas. O bastão era um cajado de preto véio que foi dado a Nossa Senhora para que lhe servisse de pinguela e devolvido como um bastão sagrado. As gungas, chocalhos, latinhas preenchidas de conchas do mar são colocadas nas pernas dos moçambiqueiros e batidas no chão acompanhando o ritmo dos tambores quando a guarda faz alguma ação ritual. As gungas, também chamada em Justinópolis de campanhas, são batidas no chão com força para se firmar em direção a terra. Seus sons identificam de longe a guarda de moçambique. Dizem que antigamente negro usava no seu corpo sinos que identificavam aos seus senhores pelos sons, e eram capturados quando tentavam fugir nas matas.

De outra forma se apresenta o reisado. As máscaras dos reis associadas as danças chamadas lundus ou fagotes estão ligadas ao fato de os reis terem que se disfarçar de herodes, pois eles eram perseguidos. As mascaras produzem risos e escárnio e nos revelam o caráter profano da adoração. Ao rei corresponde o papel de atuar na parte profana da festa, momento de induzir as pessoas a pagar os adjutórios(donativos) pelo espetáculo.

Na folia, os reis vão à frente na procissão e não mais atrás do moçambique e do congo, no lugar de guardas do reinado, é uma caravana que se põe a acompanhar seus reis de modo a celebrar a epifania. Os foliões conduzem a bandeira às casas dos fiéis onde está a imagem (menino Jesus) e a lapinha para serem adoradas. Os congaderios, por sua vez trazem ao terreiro, bandeiras e pessoas para venerar (Nossa Senhora). Se no reinado, muitas bandeiras se reúnem a uma mesma imagem adorada no dia, no reisado, uma bandeira é conduzida por toda a noite varias lapinhas reverenciadas.

Os reis também mudam de status, não são solenes, são cômicos, ao invés de usar coroas sagradas vestem mascaras, nas mãos não seguram um cetro carregam uma manguara. Suas danças mudam de uma técnica dura firme constante para movimentos expansivos, grotescos por vezes eróticos. No congado o movimento da dança une céu e terra, ao elevar os braços e bater as pernas com as gungas ao chão.

O reinado é caracterizado pela reunião de pessoas no terreiro que vão ao encontro solene dos reis que distribuem o alimento sagrado. A cerimônia do almoço é silenciosa, solene. Prevalece a agregação, o dispêndio e a introversão. De outro modo, os foliões são visitantes, sempre em atividade tendem a separar, no lugar do dispêndio realizam a reparação, mesmo portando momentos de seriedade, a festa de reisado é

extrovertida, prevalecendo o riso, a jocosidade e tem o ritual do alimento repleto de causos que são regados a muita cachaça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas evidenciam a experiência religiosa impregnada pelo barroco, ele se torna a chave de compreensão histórica e de interpretação simbólica para tais festas. Neste contexto barroco marcado pela contradição dionísica-carnavalizadora que a corporalidade vai se constituindo e constituindo como dimensão central do ato festivo, e tal como aponta Maria Lúcia Montes, confere uma conotação peculiar à linguagem pela qual o espetáculo pode ser evidenciado: a linguagem do sensível e do lúdico.

Ora a festa se faz no próprio corpo em ação. A “exaltação coletiva” percebida por Émile Durkeim (1982), tem endereço direto na dança, na música, no alimento, no toque de instrumentos, nas procissões e nos adereços corporais que dão a festa a sua característica simultânea corpo-mente ou, nas palavras de PEREZ, de agregação (estar-junto) e do imaginário (fabulação, desejo, campo do possível) (2008).

Colocando em diálogo as contribuições dos autores à observação empírica, verifica-se que o modo singular de associação do simbólico (inversão) no ritual resulta na variabilidade e alternância, produz uma rotatividade do sagrado que, por sua vez, é epifanizada pelo viés festa via experiência corporal. Os diferentes momentos festivos constituem, desse modo, “causas ocasionais” – nos termos maussianos, de princípio mais geral da vida social e coletiva: a reciprocidade.

A reciprocidade produz a relação, o mana que tem o poder de ligar, do estar junto em coletividade. E o corpo é o instrumento mediador desta experiência. Atuando na esfera dos sentimentos, a estética atribuída pela performance corporal nas festas é a própria epifanização, o meio de realização e de experimentação do sentimento coletivo. Como nos lembra Caillois, “o homem que possui mana é aquele que sabe e que pode levar aos outros lhe obedecerem” (1988). Ora, o *mana* está contido no objeto que circula: na coroa, na máscara, no bastão, e nas mangueiras que também circulam.

Estes objetos que são trazidos junto ao corpo no ato da festa, epifanizam um poder que é político e simultaneamente sagrado. Constituem no seu universo simbólico como materialidade impressa pelo viés corporal, como realidade vivida que é interiorizada pelos movimentos das danças e músicas. Não é uma representação expressada é realidade vivida interiorizada corporalmente.

É, pois pela corporalidade, notamos que a festa opera ligações das mais variadas e inusitadas, possibilitando para quem dela participe a vivência (desdobrada em experimentação) de uma existência outra que a do real socializado, uma existência que é própria da festa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita *Festa à brasileira* - sentidos do festejar no país que “não é sério”. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1998. Disponível em: www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html

ÁVILA, Affonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco II*. 2ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994.

- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. São Paulo: Ática, 1993.
- CALLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CRAPANZANO, Vincent. A cena: lançando sombras sobre o real. *Revista Mana*. Vol 11. n. 2. Rio de Janeiro, out, 2005.
- DEL PRIORI, Mary *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- DUVIGNAUD, Jean. *El sacrificio inutil*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1997.
- FRAZER, James George. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1982.
- GENNEP, Van. *The rites of passage*. London : R 7 K, 1960.
- MARTINS, Saul. *Cartilha do Folclore brasileiro: Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: MEC/SESC/FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974b. V. 1.
- MELLO e SOUZA, Laura de. Festas barrocas e vida cotidiana em Minas Gerais. In: JANCÓS, István e KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. Vol. I. São Paulo: Hucitec: EDUSP,; FAPESP: Imprensa Oficial, 2001. p. 183-195.
- MELLO e SOUZA, Marina. *Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MERLAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo. Martins Fontes, 1994.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo; EDUSP, 1998.
- PEREZ, Lea Freitas. “Dionísio nos trópicos: festa e Barroquização do mundo – por uma antropologia das efervescências coletivas”. In: Passos, Mauro(org): *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002
- _____. “Por uma antropologia da festa: reflexões sobre o perspectivismo festivo” Simpósio: Festa em perspectiva e como perspectiva. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia: Olinda, 2004.
- _____. Festas e viajantes nas Minas Oitocentistas. 2008.
- _____. Anotações em aula. 2007;2008.

Endereço eletrônico do autor: garciajuliana@hotmail.com

Favor disponibilizar projetor para exposição de texto e imagens pelo programa power - point.

